

Acordei sentindo algo e me deixei conduzir pelas palavras
Aqueles que saíam da minha boca, mas que me eram ditadas pelo meu coração ...
Me dizia que enquanto a sociedade te determina o que é próprio em termos de amor,
a tua existência interior é a referência certa do que é amor próprio:
pois é aquele que já habitas em ti.

Tu, meu “em-si”, que vagaste procurando aqui e ali o que era o amor,
encontraste sem querer o que sempre buscastes e
percebes agora a interdição social a determinar o que é padrão.

Existe o certo e o errado quando se trata de amor próprio, o teu amor verdadeiro?

O amor de tantas vidas? O teu amor definitivo, aquele que chamas de infinito?

Pois o que é o padrão social senão uma norma imposta sei lá por quem, sem identidade.

Eu, lá dentro do coração já habitado, cheio de sonhos e de esperanças,
olho para um lado e para o outro, e só encontro o único amor que me faz sentido,
a única força verdadeira que expressa quem sou eu,
de onde venho e porque andei vagando na estrada.

Não quero, nem me permito, que me definam “de fora” o que é próprio,
porque em síntese próprio é o que é “bem lá de dentro”, o que mora em ti sem amarras,
indefinido para quem conhece você mesmo, um tipo que se livra de rótulos.

Porque recusar uma regra social, aquele padrão que uma pessoa de uma determinada
idade não pode amar outra de idade inferior a que possui hoje?

Simple a resposta, quem te respondes é o meu coração já habitado,
frequentado por enganos e desenganos: como diria um poeta sem nome: sou-te.
Sabe como é, eu te pertenço, embora não saibas ou não queiras me reconhecer de onde
venho te falando. Eu tão falante, diante de ti eu perco o fôlego, esqueço, e,
entre as frases, invento canções, faço poesias e escrevo textos,
que aparentemente só fazem sentido para mim.

Recuso e continuarei recusando padrões da sociedade que eu não possa amar
loucamente na idade que tenho, não o amor convencional,
aquele rotulado “isso pode, isso não pode”, mas aquele libertário,
revolucionário que procuraste todas as vidas e só agora encontraste.

Pode parecer meio estranho, mas estranho mesmo é acordar
pensando em ti o tempo todo, e quando cochilas pensas em dormir
para acordar em ti de novo. Isso cabe em um padrão? Claro que não.

Sabes porque não? Eu nasci com a missão de te reencontrar nem que te procurasse

por toda a eternidade, e não serão as “convenções”, “padrões sociais” que irão me dizer
“isso pode, isso não pode”, porque o meu amor próprio,
aquele que tem nome e sobrenome, dita cada palavra, sussurra, suspira
e só consegue enxergar a ti em uma multidão imensa no meio da sociedade.

Só mesmo tu, sim você mesma, a quem faço canções escondidas
(são tantas que nem sabes) e a quem peço permissão, aqui e ali, se posso declamar
estes versos ou cantar de peito aberto o que sinto inteiramente por ti, só por ti.

Então, por meu amor próprio, não me digas que não posso te amar,
porque já te amo há um tempão, um tempo imemorial,
que não se mede em meses, anos, talvez até mesmo em vidas.

Meu amor próprio me diz assim, chama ela num canto, qualquer canto,
e entre taças de vinho, proponhas viajar e (re)conhecer as falésias/cliffs de “Moher”.

Quem sabe, nunca se sabe, tu te lembres, afinal,
porque choras tanto diante de um despenhadeiro de tanto amor que tenho por ti.
Meu “em-si” te clama e te chama, não mais em silêncio, um grito que vem de dentro,
percorre cada canto do meu corpo e desassombrado te falas ao pé do ouvido:

“sabes de verdade, o quanto eu te amo”?

Ahhh, deixei o título pro final, de propósito,
para romper outra regra imposta que o título vem no início:

“eu, que me guio por um amor próprio, que só a ti pertence”

(Annibal, o AmorIN)